



o perfil do pregador
JOHN STOTT



conteúdo

PREFÁCIO DOS EDITORES		7
PREFÁCIO DO AUTOR		9
CAPÍTULO 1	DESPENSEIRO A MENSAGEM E A AUTORIDADE DO PREGADOR	11
CAPÍTULO 2	ARAUTO A PROCLAMAÇÃO E O APELO DO PREGADOR	31
CAPÍTULO 3	TESTEMUNHA A EXPERIÊNCIA E A HUMILDADE DO PREGADOR	55
CAPÍTULO 4	PAI O AMOR E O CARINHO DO PREGADOR	75
CAPÍTULO 5	SERVO O PODER E A MOTIVAÇÃO DO PREGADOR	95



prefácio dos editores

Um livro sobre os traços que ressaltam as características básicas do pregador — é exatamente isso que você tem em mãos. Como editores, entendemos que a multiplicação do número de pregadores é tanto motivo para festejar quanto para nos pôr em estado de alerta. Os pregadores estão cada vez mais expostos nas igrejas locais e nas igrejas eletrônicas, e essa visibilidade pode representar bênção e maldição, sucesso e fracasso, ascensão e queda.

Muitos deles, à semelhança das grandes celebridades do cinema e da TV, têm suas legiões de seguidores, imitadores e admiradores, verdadeiros “fãs de carteirinha”. Seus gestos e palavras são acompanhados por milhares, e até milhões, de olhos e ouvidos atentos.

Numa esfera mais local, os pastores de igrejas exercem grande influência sobre seus auditórios, despertando-lhes os mais variados sentimentos tanto com relação à mensagem quanto com relação ao mensageiro. Mesmo em condições de menor visibilidade, eles também



são diariamente julgados, às vezes absolvidos, às vezes condenados, por seus ouvintes.

Diante de um quadro desses, o pregador não pode deixar de cultivar características que lhe deem credibilidade como mensageiro da Palavra eterna. Ele é um dos principais agentes para transformação da vida de seus ouvintes e, como tal, precisa evidenciar em si mesmo características de uma vida igualmente transformada pelo poder do evangelho e do Espírito Santo. De acordo com o autor deste livro, “pregar não é dar um *show* de uma hora, mas o fluir de uma vida. São necessários vinte anos para fazer um sermão, porque são necessários vinte anos para fazer um homem”.

Os Editores
Abril de 2005

Na transliteração das palavras gregas, procurei o tanto quanto possível dar uma equivalência fonética (de pronúncia) com o português, e não uma correspondência exata com a escrita grega. O leitor com maior conhecimento de grego poderá encontrar facilmente as palavras dadas como exemplo por John Stott, consultando o *Novo Testamento Trilíngüe* de Edições Vida Nova ou obras afins (N. do Trad.).



prefácio do autor

Meu objetivo neste livro não é apresentar “técnicas” de pregação, algo que o Dr. W. E. Sangster, do Westminster College Hall, chamava “artesanato do sermão”, como montá-lo e ilustrá-lo. Também não é meu objetivo abordar os problemas da comunicação. Não há dúvida de que precisamos aprender os métodos de pregação e que a comunicação é um assunto de importância vital em nossos dias, em que o abismo entre a igreja e o mundo secular já é tão grande que restam poucas pontes pelas quais esses dois mundos podem entrar em contato.

Desejo declarar que meu objetivo refere-se a elementos mais básicos ainda. Proponho que precisamos estudar novamente algumas palavras que o Novo Testamento usa para descrever o pregador e a tarefa que lhe cabe. Creio que precisamos adquirir na igreja de hoje uma visão mais clara do ideal divino revelado para o pregador, o que ele é e como deve trabalhar. Assim, estudarei sua mensagem



e sua autoridade, o caráter da proclamação que ele é chamado a fazer, a necessidade vital de sua experiência pessoal com o evangelho, a natureza de sua motivação, a fonte de sua autoridade e as qualidades morais que devem caracterizá-lo, principalmente humildade, mansidão e amor. Isso constitui, na minha opinião, o perfil do pregador, um perfil desenhado pela mão de Deus na tela do Novo Testamento.

É com hesitação que escrevo sobre esse assunto. Não quero passar por especialista; estou longe disso. Estou só começando a aprender os rudimentos da pregação. Mas como Deus, em sua graça, me chamou a ministrar a Palavra, tenho um profundo desejo de moldar meu ministério segundo o padrão perfeito que ele nos deu nessa Palavra.



CAPÍTULO 1

despenseiro

A MENSAGEM E A AUTORIDADE DO PREGADOR

A primeira pergunta importante que preocupa o pregador é: “Que irei dizer e onde obterei minha mensagem?”. Algumas respostas erradas foram propostas para essa pergunta fundamental sobre a origem e o conteúdo da mensagem do pregador, e é necessário começar com elas, declarando o que o pregador não é.

Não um profeta

Em primeiro lugar, o pregador cristão não é um profeta. Ou seja, ele não recebe sua mensagem de Deus como revelação original e direta. É verdade que algumas pessoas usam a palavra “profeta” de maneira incorreta hoje em dia. Não é raro ouvir um homem que prega com fervor ser descrito como alguém que tem “unção profética”; sobre o pregador que sabe discernir os sinais dos tempos, que vê a mão de



Deus nos fatos do dia a dia e procura interpretar o significado das tendências sociais e políticas, diz-se às vezes que é profeta ou tem intuição de profeta. Mas estou afirmando que esse uso do título “profeta” é inadequado.

Mas o que é um profeta? No Antigo Testamento, era o instrumento pelo qual Deus falava diretamente. Quando Deus escolheu Arão para dizer as palavras de Moisés ao faraó, a situação foi explicada da seguinte maneira: “Vê que te constituí como Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta” (Êx 7.1-2). “Tu lhe falarás e lhe porás na boca as palavras; eu serei com a tua boca e com a dele, e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus” (Êx 4.10-17). Isto mostra claramente que o profeta era a “boca” de Deus, através da qual Deus falava diretamente aos homens as suas palavras. Assim também, Deus fala de um profeta semelhante a Moisés, que iria surgir, “em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhes ordenar. [...] [Ele falará] em meu nome” (Dt 18.18-19). O profeta não falava suas próprias palavras, nem falava em seu próprio nome, mas falava as palavras de Deus, em nome de Deus. Essa convicção de que Deus falava com ele e revelava-lhe seus segredos (Am 3.7-8) explica as conhecidas fórmulas de introdução do discurso profético (“veio a mim a palavra do Senhor”, “assim diz o Senhor”, “ouvi a palavra do Senhor”, “a boca do Senhor o disse”, etc.).

A característica essencial do profeta não era prever o futuro nem interpretar a atividade presente de Deus, mas falar as palavras de Deus. Como Pedro explicou, “nunca jamais qualquer profecia [ou seja, profecia verdadeira, em oposição às mentiras dos falsos profetas que ele descreve a seguir] foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21).

Portanto, o pregador cristão não é um profeta. Ele não recebe nenhuma revelação original; sua tarefa é expor a revelação que já foi definitivamente dada. E embora pregue no poder do Espírito Santo, ele não é “inspirado” pelo Espírito no sentido em que os profetas o foram. Certo, “se alguém fala”, deve falar “de acordo com os oráculos de Deus”, ou “como se pronunciasse palavras de Deus” (1Pe 4.11). Mas isso não ocorre porque tenha recebido algum oráculo divino



especial, mas porque é um despenseiro (1Pe 4.10), como veremos depois, a quem foram confiadas as Escrituras Sagradas, os “oráculos de Deus” (Rm 3.2). A última vez na Bíblia em que aparece a expressão “veio a Palavra de Deus”, é com relação a João Batista (Lc 3.2). Ele foi um verdadeiro profeta. Também havia profetas na época do Novo Testamento, como Ágabo (At 21.10), e a profecia é mencionada como dom espiritual (Rm 12.6; 1Co 12.10, 29; Ef 4.11), mas esse dom não é mais concedido a pessoas na igreja. Agora que a Palavra de Deus escrita está à disposição de todos nós, a Palavra de Deus no discurso profético não é mais necessária. A Palavra de Deus não vem mais aos homens hoje. Ela já veio a todos os homens; agora os homens é que precisam ir a ela.

Não um apóstolo

Em segundo lugar, o pregador cristão não é apóstolo. Claro, a igreja é “apostólica”, por ter sido fundada sobre a doutrina dos apóstolos e enviada ao mundo para pregar o evangelho. Mas os missionários que plantam igrejas não devem ser chamados “apóstolos”. É incorreto falar de “Hudson Taylor, apóstolo da China”, ou “Judson, apóstolo da Birmânia” como se estivéssemos falando de “Paulo, apóstolo aos gentios”. Os estudos mais recentes confirmam o caráter único dos apóstolos. Karl Heinrich Rengstorf, em seu artigo sobre apostolado no famoso vocabulário teológico de Gerhard Kittel,¹ defende que os apóstolos de Jesus equivaliam aos *shaliachim* judaicos, mensageiros especiais enviados aos judeus da Dispersão de tal maneira que, diziam eles, “é como se o enviado fosse a própria pessoa que o envia”. Segundo Rengstorf, “... enquanto os outros verbos transmitem simplesmente a ideia de envio, *apostellein* possui os aspectos de um propósito, missão (ou comissão), autoridade e responsabilidade especiais”.² Apóstolos — diz ele — “é sempre a descrição de alguém enviado como embaixador, e um embaixador investido de autoridade. A palavra grega *apóstolos* é simplesmente a forma pela qual se transmitem o conteúdo e a ideia que temos no *shaliach* do judaísmo rabínico”.³

Norval Geldenhuys tira do artigo de Rengstorf uma conclusão lógica. O apóstolo do Novo Testamento é “alguém escolhido e enviado



por comissão especial como representante plenamente autorizado de quem o enviou”.⁴ Quando Jesus nomeou “apóstolos” seus doze discípulos escolhidos, indicou que eles seriam “seus delegados, que ele enviaria comissionados a ensinar e agir em seu nome e autoridade”.⁵ Ele lhes concedeu uma autoridade especial (p. ex.: Lc 9.1-2, 10) que eles mais tarde afirmaram e exerceram. Paulo se considerava apóstolo também, tanto quanto os Doze, por indicação direta do Jesus ressurreto. “A única base para o apostolado era a comissão pessoal”,⁶ à qual devemos acrescentar um encontro com Jesus após a ressurreição. Geldenhuis conclui: “Nunca mais haverá ou poderá haver pessoas que possuam todas essas qualificações para serem *shaliachim* de Jesus”.⁷ Mesmo Rengstorf, que diz que “não sabemos quantos apóstolos havia no princípio, mas deviam ser bem numerosos”,⁸ acrescenta que o apostolado “limitou-se à primeira geração e não se tornou um cargo eclesiástico”. E declara que “todo apóstolo é discípulo, mas nem todo discípulo é apóstolo”.⁹ Geldenhuis cita o artigo de Alfred Plummer sobre “Apóstolo” no *Dictionary of the Apostolic Church*, de Hastings: “... é impossível qualquer tipo de transmissão de um cargo tão excepcional”.¹⁰

Essas evidências sugerem que há um paralelismo estreito entre os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo, e Rengstorf chama atenção para isso: “A ligação entre a consciência do apostolado e a do ministério profético [...] enfatiza de forma absoluta o fato de ele pregar estritamente o que é revelado, guardando-se de qualquer tipo de alteração que pudesse ser provocada por sua natureza humana”. “Como os profetas, Paulo é servo de sua mensagem.”¹¹ “O paralelo entre apóstolos e profetas é justificado porque ambos são transmissores da revelação.”¹²

Portanto, assim como a palavra “profeta” deve ser reservada para as pessoas no Antigo Testamento e no Novo, a quem a palavra de Deus veio diretamente, quer sua mensagem tenha chegado até nós, quer não, a caracterização de alguém como “apóstolo” deve ser reservada aos Doze e Paulo, pois foram especialmente comissionados e investidos de autoridade por Jesus como seus *shaliachim*. Esses homens eram únicos. Não deixaram sucessores.



Não um falso profeta ou falso apóstolo

Em terceiro lugar, o pregador cristão não é (nem deve ser) um falso profeta ou um falso apóstolo.¹³ Ambos aparecem na Bíblia, e a diferença entre o verdadeiro e o espúrio é claramente definida em Jeremias 23. O verdadeiro profeta é alguém que “esteve no conselho do Senhor, e viu e ouviu a sua palavra” (v. 18, 22). Já os falsos profetas “falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do Senhor” (v. 16). Eles “proclamam só o engano do seu próprio coração” (v. 26). Proclamam mentiras em nome de Deus (v. 25). O contraste aparece com toda força no versículo 28: “... o profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra, fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o Senhor”. A opção é entre ouvir “cada um a sua própria palavra” e “ouvir as palavras do Deus vivo” (v. 36).

Embora não existam mais hoje profetas e apóstolos, temo que haja falsos profetas e falsos apóstolos. Gente que fala as próprias palavras e não a Palavra de Deus. A mensagem vem de suas mentes. Gente que gosta de ventilar suas opiniões sobre religião, ética, teologia e política. Elas podem até seguir a tradição de iniciar seus sermões com um texto bíblico, mas o texto tem pouca ou nenhuma relação com a mensagem que se segue, e não há nenhuma tentativa de interpretar o texto dentro de seu contexto próprio. Além disso, com muita frequência esses pregadores, a exemplo dos falsos profetas do Antigo Testamento, usam palavras agradáveis, “dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jr 6.14, 8.11, cf. 23.17). E nem tocam nos pontos menos “agradáveis” do evangelho, para não ofender o gosto dos ouvintes (Jr 5.30-31).

Não um tagarela

Em quarto lugar, o pregador cristão não é um “tagarela”. Essa foi a palavra usada pelos filósofos atenienses no Areópago para descrever Paulo. “Que quer dizer este tagarela?” — perguntavam entre si com escárnio (At 17.18). A palavra grega é *spermologos*, um “catador de




VIDA NOVA

ISBN 978-85-275-0332-7



9 788527 503327

A sociedade avança pelo novo século. Entramos em um período de extrema valorização da informação, da supressão das individualidades e entronização do que é economicamente viável e lucrativo. As massas cedem ao consumismo de bens cada vez mais vazios de conteúdo. Entramos na era da valorização das aparências, tendência que se reflete também em nossas igrejas .

Neste período de caos espiritual, várias perguntas trazem à tona uma realidade de dúvidas que anseia por ações práticas. Qual será o papel da igreja no século XXI? O que pastores, obreiros, missionários e pregadores do Evangelho deverão fazer para comunicar a Palavra de Deus de forma mais eficaz neste século?

O Perfil do Pregador é um texto indispensável para você que pensa sobre estas questões e busca a direção de Deus para o futuro.